

A CAIXA DE PANDORA E O FUTURO DO PRESENTE: SINAIS DE ABISMO E DE ESPERANÇA

*Maria Ciavatta*¹

Universidade Federal Fluminense (UFF)

“É necessário abandonar o futuro do passado e imaginar um futuro do presente”
(Franco Berardi, 2019).

Introdução

O tema previsto para este debate gira em torno da ideia de abismos políticos, de profundezas, de despenhadeiros, de regimes ditatoriais, de disputas de memória e de resistência. Organizamos nosso tema considerando estas questões na sua dinâmica histórica, nas perspectivas de futuro para este presente de muitos abismos.²

¹ Licenciada em Filosofia e em Letras clássicas; Mestrado em Educação (IESAE-FGV), Doutora em Ciências Humanas (Educação) (PUC-RJ, 1990); Professora Titular em Trabalho e Educação pela Universidade Federal Fluminense (1994); Docente Senior do Programa de Pós-graduação em Educação (Mestrado e Doutorado) da Universidade Federal Fluminense; Pós-doutorado em Sociologia do Trabalho (no Colegio de México e na Università degli Studi di Bologna, 1994-1996); Pós-doutorado em Filosofia na Università La Sapienza di Roma (2017); ex-Professora visitante na Faculdade de Serviço Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro; Pesquisadora Senior do CNPq; Coordenadora do Grupo THESE – Projetos de Pesquisas Integrados em Trabalho, História, Saúde e Educação (UFF-UERJ-EPSJV/Fiocruz); Membro do GT Trabalho-Educação da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação. Atua na área de pesquisa e tem livros e artigos publicados em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas à Educação, principalmente nos temas Trabalho-educação em História e Historiografia de Trabalho-educação, Ensino Médio, Educação Profissional, Técnica e Tecnológica, Formação integrada, Fotografia como fonte de pesquisa, Estudos comparados. Endereço eletrônico: maria.ciavatta@gmail.com

² O texto é parte dos estudos sobre os fundamentos da pesquisa histórica do Projeto de Pesquisa “A fotografia em livros e artigos de periódicos especializados – Da

O futuro do passado de que fala Berardi (2019) eram as utopias que alimentaram o século XX – justiça social, afirmação nacional, democracia liberal, perfeição tecnológica. No entanto, cultivou-se a velocidade e o *ethos* bélico que explodiu o Iraque, a Ucrânia, Gaza, o Líbano, o Irã.

Para Berardi (2019, p. 84 e contracapas), o ano de 1977 seria o marco da “bifurcação entre a imaginação utópica e a distopia real” com a fundação da Apple por Steve Jobs e quando Brejnev anuncia que a União Soviética não sobreviveria sem dominar as tecnologias de informática. Para o autor, “a utopia virtual produziu efeitos mais consistentes para tornar-se uma porta de acesso à distopia definitiva, a distopia da morte humana”.

Significa que o ser humano está submetido ao sistema, aos automatismos técnicos. Mas nada disso é gratuito; ao contrário, é histórico. O capitalismo contemporâneo opera por meio de cadeias articuladas de controle e reprodução social. Produz efeitos cumulativos como fundamentalismos religiosos, xenofobia e protofascismos.

Escrito na Europa rica, sua tradução chegou ao Brasil 10 anos depois. Quando o livro foi escrito, em 1977, estávamos sob uma feroz ditadura que durou 21 anos (1964-1985), enquanto tentávamos confrontar o governo militar, para lograr implantar a democracia. Quando foi publicado no Brasil, em 2019, estávamos, de novo, sob a ameaça distópica do militarismo, de um governo negacionista (2019-2022), que deixou uma herança de mais de 700 mil mortos; liberou o uso de armas mortais para divertimento, os clubes de tiro (CACs), cuja herança reverberou nos anos subsequentes, até os dias de hoje. Foi um governo que se sustentou pela mentira oficializada nas mídias sociais, pela promessa da riqueza celestial com o pagamento do dízimo nas igrejas, pela hostilidade aos negros, às mulheres e LGBTQ+, pela adesão às correntes protofascistas da direita econômica riquíssima e do moralismo religioso.

Defasados no tempo real dos países ricos, mas submetidos à sua cultura globalizada, no Brasil, ainda cultivamos “a utopia do futuro”, afirmando uma oposição àqueles que naturalizam a morte humana. Berardi (2019) pergunta se haveria luz no fim do túnel, ou, dizemos nós, haveria um passo atrás da beira do abismo?

Nossa historicidade não permite otimismo fáceis, mas também deixa em aberto as contradições de todo devir humano. É destas possibilidades que queremos falar. Em primeiro lugar, queremos tratar da historicidade do pensamento marxista, que implica uma visão de totalidade em que estão imersos todos e quaisquer objetos, sujeitos ou fenômenos. Esta visão crítica e articulada opõe-se à fragmentação da comunicação digital. Em segundo lugar, daremos destaque ao conservadorismo que alimenta os ethos econômicos, virtuais e bélicos que ameaçam a vida humana no planeta. Terceiro, trataremos do futuro do presente e suas marcas de destruição e de esperança. Por último, nossas considerações finais.

1. A visão histórica opõe-se à fragmentação digital

Quando falamos em uma visão histórica³ dos fenômenos, sujeitos e objetos, fazemos apelo às categorias tempo-espço, totalidade social, mediação, contradição, fontes de pesquisa. O mundo da história, em uma visão dialética, é o mundo do movimento, da transformação que pauta a vida tal qual a conhecemos como seres humanos. No materialismo histórico, é o mundo do ser social, dos homens e mulheres em sociedade, agindo, produzindo as próprias condições de vida, nas circunstâncias que lhes são dadas a viver (Marx, 1978).

Do ponto de vista teórico-metodológico, duas questões ainda merecem atenção: a história como processo e a história como método.⁴ É Marx quem vai explicitar os elementos políticos e ideológicos da história ao concebê-la como o processo da vida real dos homens e

³ Esta seção recupera algumas ideias de Ciavatta (2019).

⁴ Para maior detalhamento destas questões, ver Ciavatta (2009).

como a ciência desse processo, como conhecimento de uma matéria e a matéria desse conhecimento, ou ainda, a história como processo vivido, a história como objeto e como método de conhecimento, expresso na crítica à economia política (Marx, 1977; Odália, 1965; Ciavatta, 2009).

O universo digital trouxe ao ser humano um volume de informações impensável décadas atrás. Mas são informações, em grande parte, retiradas do conjunto de relações que lhes dão significado; são fragmentadas nos espaços-tempos acelerados pela velocidade de carros, aviões e da comunicação virtual. Os mais jovens, particularmente, acostumam-se a receber miríades de informações e apelos sem o contexto de sua produção, frequentemente, no anonimato. Aprendem a ler pelas imagens e, progressivamente, a leitura de palavras e suas ressonâncias tornam-se quase estranhas à forma de pensar.

2. A Caixa de Pandora do conservadorismo

As metáforas da mitologia grega ajudam a pensar as estranhezas, as distopias do mundo atual, o futuro do presente. Uma delas é o mito da caixa de Pandora, a estátua de Hefesto, deus do fogo, que Zeus achou tão linda que lhe deu vida. E os deuses a agradeceram com o dom da beleza, graça, inteligência, habilidade e poder de persuasão. Mas Hermes lhe incutiu a astúcia e a mentira; e Hera lhe infundiu a curiosidade.

Como presente de Zeus, casou-se com Epimeteu, e Zeus lhe deu a mais linda caixa de ouro e pedras preciosas, para que vivessem felizes. Só havia uma condição: que ela não abrisse a caixa jamais. Mas Pandora não resistiu e a abriu... dela começaram a sair todas as desgraças e males dos seres humanos, as doenças, as amarguras, as dores. Mas saiu a esperança na forma de pequeno pássaro, símbolo de consolo para a humanidade.

Os tempos atuais evidenciam com mais força os males de sempre na vida humana. Mas há agravantes na forma de produzir a

vida, nas ideias que alimentam as consciências, nas tecnologias advindas do conhecimento. Vários filósofos e cientistas políticos têm elaborado análises e alertas. Berardi fala sobre a “distopia da morte do humano” (Berardi, 2019, contracapas) que, para nós, soe ser a desumanização das condições de vida, das relações degradadas entre pessoas e países. E pode ser a “distopia definitiva” do “fim do mundo” pelo qual o planeta Terra passou muitas vezes... e algumas espécies sobreviveram.

O autor lembra que as utopias do futuro se construíram sob a metáfora do progresso. O conhecimento permitiria o domínio do universo. O Iluminismo sustentaria a ideia e o positivismo lhe teria dado o método científico. As ideologias revolucionárias marxistas leninistas “imaginam o futuro com base em um modelo teleológico progressivo”. Mas, em nossa leitura, não determinista, e sim, movido pelas forças sociais. Sua análise sobre a “inversão do futuro” indica o conservadorismo nas suas várias feições e a falência do coletivo: “O futuro se transforma em ameaça quando a imaginação coletiva se torna incapaz de ver possibilidades alternativas para a devastação, a miséria e a violência” (Berardi, 2019, p.135).

Como toda e qualquer ideologia, o conservadorismo é histórico. Ganhando expressões próprias nas diversas conjunturas, alia-se sempre ao capitalismo e opõe-se à formação humana das massas. O sistema capital, como modo de produção, com base na propriedade privada, na exploração do trabalho humano e no lucro, tem origem depois do fim do feudalismo, entre os séculos XI e XV. Como sistema econômico e social se consolidou nos séculos XVIII, com a Revolução Industrial e as revoluções burguesas, na Inglaterra, nos Estados Unidos e na França, sua mais forte expressão.

Desde o século XX, estamos todos imersos no seu domínio econômico e financeiro, no consumismo de mercado, na economia monetarizada, na globalização de produtos e de serviços digitais, na relação com as crenças religiosas e o militarismo. À formação humana se opõem as ideologias conservadoras, que estão sempre a serviço do capital, são autoritárias e hostis a todas as ideias e iniciativas de emancipação humana. Grupos de formação virtual cultivam um ethos

conservador que os une e os diferencia de outros, com valorizações simbólicas que se projetam na vida real, em termos de desvalorização, de precarização, de exclusão, em luta contra todas as formas de igualitarismo.

Agustín Cueva, cientista político da UNAM, no México, publicou há quase 40 anos, em 1987, no México, o livro “*Tiempos Conservadores – América Latina en la derechización de Occidente*”. Que sustenta o ethos do conservadorismo como opção política de direita? – pergunta o autor. Naquele momento foi o abandono da coexistência pacífica com a União Soviética, após seu desmonte, e o fim da Guerra Fria. A “distensão morreu”, disse o Presidente Reagan no Documento de Santa Fé em maio de 1980. “Há uma brusca virada para a direita” [...]. Retoma-se “a corrida armamentista e uma belicosidade nas relações internacionais que põem em permanente perigo a paz mundial” (Cueva, Benítez e Cassá, 1987, p. 11).

Na época, intelectuais anticomunistas abandonaram a simpatia pelo Terceiro Mundo (como eram chamados os países não desenvolvidos economicamente), no momento em que o imperialismo multiplicou os casos de intervenção militar e implantação de ditaduras nos países dependentes do Primeiro Mundo. Na América Latina, o Chile, o Brasil, a Bolívia, a Argentina, o Uruguai, além de países da África e da Ásia, buscavam ganhar alguma autonomia. No Brasil, a Ditadura Militar (1964-1985) durou 21 anos, com muita repressão e tortura, e um substantivo endividamento público para realizar grandes obras (como, por exemplo, a Hidroelétrica de Itaipu, a Ponte Rio-Niterói, a Rodovia Transamazônica e outras)

Outro sinal dos tempos conservadores são os intelectuais da nova direita, que constituíram o Consenso de Washington nos anos 1980, para promover o ajustamento macroeconômico dos países em desenvolvimento, os países devedores. Neste contexto, os meios de comunicação “acabam percebidos como uma expressão ‘natural’ da democracia no Ocidente” (Cueva, Benítez e Cassá, 1987, p. 12).

O conservadorismo, nas suas diversas correntes ideológicas, está presente hoje em vários países do mundo, como nos Estados

Unidos, na Hungria, na Itália, na Argentina, em El Salvador. Ele assume a forma de militarização em países como Israel, onde a Palestina e o Líbano são os inimigos cultivados.

No Brasil, o conservadorismo acompanha a formação do país. Suas ideologias autoritárias, a exploração militarizada e a ganância econômica europeia promoveram a escravização de mais de quatro milhões de homens, mulheres e crianças africanos, para sustentar a economia de exploração de matérias primas a serviço dos colonizadores. E a lenta transformação política da Colônia para o Império e deste para a República se fez a mando dos militares, com a tomada dos cargos dos órgãos e instituições públicas. Negros, libertos e pobres brancos foram largados no abandono para prover seus meios de vida. Foram importados milhares de imigrantes europeus para as plantações de café em regime definido pelos fazendeiros, com a política de “branqueamento” e de “melhoria civilizatória” da população.

3. O futuro do presente: sinais do abismo e da esperança

Buscando resgatar a reflexão atual sobre os sinais do abismo e da esperança no mundo globalizado, elaboramos um trabalho exploratório sobre livros de cientistas sociais e políticos que fazem uma análise dos acontecimentos em curso.

A literatura sociológica e de ciência política que se publica nesta década é cética sobre o futuro do presente. O histórico do conservadorismo, aliado às crenças religiosas, ao militarismo e à expansão vertiginosa das mídias digitais, acompanha grandes eventos que justificam a apreensão sobre os dias que hão de vir. A ideia de um porvir do progresso é moldada pelo avanço científico e tecnológico. Se à ciência devemos erradicar tantos males soltos da “caixa de Pandora”, seu uso a serviço dos avanços tecnológicos satisfaz o mundo da mercadoria que envolve a todos para o consumo fácil. Mantidas as desigualdades de classe, o empobrecimento da maioria, em luta contra todas as formas de igualitarismo, o sistema capital alimenta as atividades bélicas e tantos tipos de violência contra pessoas e

populações. O exemplo mais evidente hoje é que, sob pretextos contestados por muitos países, Israel perpetra a morte dos palestinos pela fome, visível em todas as mídias.

3.1. “Estados murados, soberania em declínio”

A cientista política Wendy Brown (2023) publicou o livro “Estados murados, soberania em declínio” no seu país, Estados Unidos, em 2010. Como outros trabalhos, chegou aos leitores em língua portuguesa, no Brasil, doze anos depois. Mas a realidade de que trata não foi superada; pelo contrário, agravou-se. A metáfora do muro simbólico apresentada é o Muro da fronteira Egito-Israel nos desertos do Sinai e de Negev. Mas bem podia ser o muro da fronteira entre Israel e Gaza, ou o muro de Ceuta e Melilla, cidades autônomas da Espanha no extremo norte da África, ou o muro da fronteira entre o México e os Estados Unidos.

À primeira vista, todos esses altos muros de arame, eletrificação e concreto, criados ao longo do século XX e início do século XXI, existem para barrar imigrantes africanos e latino-americanos que insistem, com risco de morte, em buscar melhores condições de vida e de trabalho fora de seus países de origem. Se examinarmos a totalidade das forças que constroem os muros, encontramos uma primeira contradição no fenômeno da globalização: enquanto bens, serviços, transportes e informações circulam cada vez mais intensamente, erguem-se muros destinados a impedir a circulação de pessoas, dos países pobres ou em desenvolvimento, para mão de obra subalterna nos países ricos do norte europeu e norte-americano.

Se retomamos a contradição entre os muros criados ao redor dos espaços nacionais e a globalização acima de todos os muros, vemos que o movimento se resolve em favor da soberania das potências que se querem muradas e são hegemônicas na globalização de bens e serviços. Fiori (2001, p. 67) analisa que estamos vivendo um novo ciclo de aceleração da internacionalização capitalista; em segundo lugar, esse ciclo acompanha as mudanças geopolíticas após o fim da Guerra Fria

com o desmonte da União Soviética em 1989; terceiro, está em curso uma renegociação das hierarquias geopolíticas. Observamos hoje, em 2025, a emergência competitiva da China, a criação dos BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China, África do Sul e a incorporação de novos países) e a possibilidade de uma nova moeda de competição com o domínio do dólar.

3.2. “A ordem do capital”

O livro “A ordem do capital” ou “o rentismo para os ricos e o fiscalismo para os pobres”, de Clara Mattei (2023), publicado em Chicago, EUA, em 2022, trata da austeridade econômica e de suas consequências nos países dependentes do capitalismo, como são todos os países ocidentais. Alguns jargões econômicos mascaram seu verdadeiro significado: “frear a ganância desenfreada”, “retomar o crescimento”, “desfazer o gigantismo do Estado”, “menos Estado, mais mercado”. Importa o valor agregado que opera o lucro, sem considerar o bem-estar social, as destinações de classe a favor dos ricos (Mattei, 2023, p. 12).

A autora dá vários exemplos de países que implantaram ostensivamente a austeridade fiscal à revelia de manifestações da população: Grécia, em 2015; Chile, em 2019, com intervenção policial sobre os manifestantes (Mattei, 2023, p. 17-18). No Brasil, a austeridade fiscal tornou-se um programa de governo ostensivo com a ideologia neoliberal dos economistas do governo F. H. Cardoso, a partir de 1995.

Mattei (2023, p. 18) explica o que entende por *efeito austeridade*: “o inevitável sofrimento público que se segue quando nações e Estados cortam benefícios públicos em nome da solvência econômica e da indústria privada”. São os cortes orçamentários com bem-estar social, educação pública, serviços de saúde, moradia e seguro-desemprego; além da tributação regressiva (o aumento da tributação é obtido com os impostos sobre o consumo), privatizações, arrocho salarial e desregulamentação das relações trabalhistas.

3.3. “Colonialismo digital”

O livro de Deivison Faustino e Walter Lippold (2023), “Colonialismo digital: por uma crítica hacker-fanoniana”, traz o lado complementar da dominação capitalista, sua extensão em braços para cooptação da consciência, dos anseios humanos e das emoções.

Presenciamos em nosso país a apropriação interna das mídias sociais para fins de poder articulado a interesses internacionais. Foram criadas as redes de direita em apoio ao governo Bolsonaro, destilando ideologias fascistas, a misoginia, o racismo, o moralismo, sintonizadas com as extravagâncias e a violência de Donald Trump, presidente dos Estados Unidos, de Erdogan, Presidente da Turquia, de Viktor Orban, líder da extrema direita da Hungria.

O colonialismo digital, sustentado pelas *big techs* (Google, Amazon, Apple, Meta, Microsoft), é parte vital do sistema capitalista de gerenciar o mundo e, ironicamente, [...] como felizes consumidores [...] “não precisarmos mais querer, uma vez que os algoritmos que aprendem com os dados de comportamento poderão prever nossas vontades” (Silveira, 2023, p. 18 e 20).

Faustino e Lippold (2023, p. 22) destacam que a ideia de colonialismo digital não é uma metáfora, figura de linguagem ou de discurso; é parte da produção, circulação e consumo de mercadorias do sistema do capital. Sua percepção sobre ajustes, em curso no Japão, na direção de um suposto “bem-estar digital”, não dá espaço para mudanças substantivas em relação à vida ou ao planeta. Está em curso uma “lógica produtiva autofágica”.

Duas tendências emergem da complexidade do colonialismo digital: a primeira é a “partilha territorial do globo terrestre entre os grandes monopólios da indústria da informação”. A segunda tendência, o *colonialismo de dados*, “subsume cada vez mais a vida humana, o ócio, a criatividade, a cognição e os processos produtivos às lógicas extrativistas, automatizadas e panópticas do colonialismo digital” (Faustino; Lippold, 2023, p. 24, grifo dos autores).

A estas tendências, no Brasil, podemos acrescentar, a naturalização dos males que atingem a vida humana, a despolitização no sentido do voto em candidatos contrários aos direitos sociais, defensores de preconceitos (misoginia, racismo) e do uso privado de armas letais. Souza (2024, p. 84) analisa que “Bolsonaro teve sua votação mais expressiva nos estados do Sul e de São Paulo, sobretudo entre o público que tem de dois a cinco salários mínimos”.

Mesmo não considerando o preconceito regional, é significativo o voto da maioria pobre da população brasileira, porque 50,0% ou cerca de 60 milhões votaram no Presidente Lula, de longa tradição em defesa dos direitos sociais da população; e 49,10%, cerca de 58 milhões de eleitores, votaram no candidato de extrema direita, Bolsonaro.⁵ A conjuntura na qual o sociólogo Jessé de Souza (2024) escreveu sobre os pobres de direita antecede as eleições municipais de 2024, embaladas no ideário bolsonarista. Com o uso abundante das mídias sociais e de *fake news*, a direita conquistou espaços políticos significativos sobre o histórico político-partidário da esquerda e captou os votos dos pobres de direita.

Souza (2024) caracteriza o pobre como um anti-herói que vive humilhado pelas condições de vida e pelo descaso social, alimentado pela sedução das imagens de bem-estar e riqueza. João Cezar de Castro Rocha, analisando a votação expressiva em Bolsonaro, escreveu sobre o conceito de “dissonância cognitiva”.⁶ As pessoas que voluntariamente se submetem à midiosfera extremista estabelecem um pacto: somente se informar na midiosfera extremista e nunca aceitar nenhuma outra fonte que não seja a própria midiosfera extremista”. Não aceitam nenhuma outra fonte de informação.

⁵ UOL. Eleições de 2022. Disponível em <https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2022/apuracao/2turno/> Acesso em 03-11-2024

⁶ Conceito elaborado pelo psicólogo estadunidense Leon Festinger, em 1957. Entrevista “O Brasil é laboratório de criação de uma realidade paralela”, em 21 de outubro de 2022 (apud Rocha, 2023, p. 151).

3.4. “Ideias para adiar o fim do mundo”

O livro “Ideias para adiar o fim do mundo” traz mensagens carregadas de ancestralidade de Ailton Krenak (2019). É possível vislumbrar em suas palavras os sinais da esperança que Zeus colocou no final dos males da caixa de Pandora. Suas análises vão para a crítica da humanidade separada da terra, da natureza que lhe é própria: “A ideia de nós, humanos, nos descolarmos da terra, vivendo uma abstração civilizatória, é absurda. Ela suprime a diversidade, nega a pluralidade das formas de vida, de existência e de hábitos” (2019, p. 22-23).

Krenak (2019, p. 71-72) chama a atenção para o encontro entre os humanos do nosso continente e os colonizadores, as doenças que, mesmo involuntariamente, trouxeram e dizimaram grandes grupos originários. [...] Vivemos o desastre de nosso tempo, que “A grande maioria está chamando de caos social, desgoverno geral, perda de qualidade no cotidiano, nas relações, e estamos todos jogados nesse abismo”. Krenak (2019, p. 47) analisa que: “Excluimos da vida as formas de organização que não estão integradas ao mundo da mercadoria, pondo em risco todas as outras formas de viver” [...].

Considerações finais

Buscando preservar a historicidade dos sujeitos, dos fenômenos e dos acontecimentos apresentados neste texto, tratamos do conservadorismo e suas expressões de direita nas suas formas autoritárias e hostis a todas as ideias e iniciativas de emancipação humana, nas escolhas para representação política, no fechamento a ideias fora de seus receituários.

Como metáfora dos males da caixa de Pandora que se soltaram pelo mundo, são manifestações materiais e ideológicas aliadas do individualismo e da feroz competição capitalista que operam no mundo globalizado, criando muros e cerceando a soberania dos países, mas, contraditoriamente, invadindo a mente e a vida das pessoas, coop-

tando-as para os interesses econômicos para um mercado altamente lucrativo das *big techs*.

Os sinais da esperança, que saíram da caixa depois que todos os males se soltaram pelo mundo, estão presentes na união com a natureza dos povos originários, no *ethos* coletivo de estar sempre juntos, em constelação.

Referências

BERARDI, Franco. *Depois do futuro*. São Paulo: Ubu, 2019.

BROWN, Wendy. *Estados murados, soberania em declínio*. São Paulo: Kazimira, 2023.

CIAVATTA, Maria. *Mediações históricas da relação trabalho e educação: gênese da disputa na formação dos trabalhadores (1930–1960)*. Rio de Janeiro: Lamparina; CNPq; FAPERJ, 2009.

CIAVATTA, Maria et al. *Historiografia em trabalho-educação: como se escreve a história da educação profissional*. Uberlândia: Navegando, 2019.

CUEVA, Agustín et al. *Tiempos conservadores: América Latina en la derechización del Occidente*. Quito: Editorial El Conejo, 1987.

FAUSTINO, Deivison; LIPPOLD, Walter. *Colonialismo digital: por uma crítica hacker-fanoniana*. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2023.

FIORI, José Luís. *Brasil no espaço*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. Nova ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MARX, Karl. *Contribuição para a crítica da economia política*. Lisboa: Editorial Estampa, 1977.

MARX, Karl. *O 18 de Brumário e cartas a Kugelmann*. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

MATTEI, Clara. *A ordem do capital: como os economistas inventaram a austeridade e abriram caminho para o fascismo*. São Paulo: Boitempo, 2023.

ODÁLIA, Nilo. O tempo e a história. *Tempo Brasileiro: revista de cultura*, Rio de Janeiro, n. 7, p. 53–70, 1965.

ROCHA, João Cezar de Castro. *Bolsonarismo: da guerra cultural ao terrorismo doméstico*. São Paulo: Autêntica, 2023.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. Colonialismo digital, imperialismo e doutrina liberal. In: FAUSTINO, Deivison; LIPPOLD, Walter. *Colonialismo digital: por uma crítica hacker-fanoniana*. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2023. p. 16–20.

SOUZA, Jessé. *Pobre de direita: por que milhões de brasileiros votam contra si mesmos?* 2. ed. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2024.